

ESTRATÉGIAS TÉCNICO-NARRATIVAS NA REPRESENTAÇÃO DO HERÓI EM *PORTAGEM* E *JUBIABÁ*

José Camilo Manusse

Universidade Eduardo Mondlane-Moçambique

RESUMO: O artigo analisa as estratégias técnico-narrativas da focalização onisciente, focalização interna e do discurso avaliativo das acções das personagens para representação e projecção de João Xilim e Antônio Baldino à categoria de herói, em *Portagem*, de Orlando Mendes e *Jubiabá*, de Jorge Amado, respectivamente. O estudo tem como objetivo mostrar a articulação operada entre estas estratégias técnico-narrativas e a representação do herói.

PALAVRAS- CHAVE: focalização, personagens, discurso, representação, herói.

ABSTRACT: The article analyzes the **speech strategies** of the "focalização onisciente", "focalização interna" and of the evaluative speech of the characters' in **representation** and move in of João Xilim and Antônio Balduino to the hero category, in *Portagem*, of Orlando Mendes and *Jubiabá*, of Jorge Amado, respectively. The study, through the comparative methodology, shows the articulation operated between these speech strategies and the hero representation.

KEY-WORDS: focalization, characters, speech, representation, hero

1. Introdução

Nos textos narrativos em que a ação se desenrola em torno de uma personagem principal estabelece-se um conjunto de relações complexas entre o narrador e a personagem, que podem ir da identidade afetiva entre ambos até a relação de rejeição. Este fato abre a possibilidade de o texto poder ser interpretado de várias maneiras.

A narratologia tem mostrado a existência de uma conotação valorativa associada à figura do protagonista ou herói. Alguns estudiosos como Reis e Lopes¹⁰, Aguiar e Silva¹¹, a figura do herói com os códigos culturais, éticos e ideológicos prevaletentes num grupo social ou numa dada época histórica.

¹⁰ Cf. Op. Cit. P. 193

¹¹ Cf. Op. Cit p. 699- 703

Nos estudos literários, a discussão do estatuto de herói atribuível a uma personagem ganha mais relevância, se considerarmos que varia em função de múltiplos fatores textuais e extratextuais. Sendo assim, há a possibilidade de uma personagem, se analisada sob diferentes pontos de vista, poder-se-á classificar como herói, se estiver a agir em conformidade com os códigos morais, sociais, ideológicos, etc vigentes numa sociedade, ou anti-herói, se a mesma transgredir, de forma progressiva, os códigos em referência.

Foi ainda na sequência desta problemática que emergiu na teoria do romance o conceito de herói problemático. Portanto, trata-se de considerar o herói como um elemento complexo e nem sempre linear.

Neste artigo, analisaremos os procedimentos técnico-narrativos ao serviço da representação do herói, concebendo o herói não só como um ser social no qual o narrador pode projetar a sua ideologia, mas também como um elemento estrutural, funcional e central da narrativa justificador do desenrolar da intriga.

2- Brevíssimo enquadramento histórico-literário dos textos

A vasta obra do renomado escritor brasileiro teve a sua gênese na década 30 a 40 e esteve marcada pela descrição dos habitantes do nordeste do Brasil.

Assim, a sua escrita irá caracterizar-se pela predominância de contos regionais denunciando a exploração do homem. É no contexto das tendências da época que Jorge Amado escreveu a obra *Jubiába*, romance de pendor neorealista associado ao período de divulgação do chamado movimento regionalista do Brasil, nele estão, por exemplo, refletidas as tensões sociais de uma sociedade provinciana representada, metonimicamente, por António Balduino, o eixo central da narrativa.

O fenómeno literário pode-se manifestar de forma semelhante em espaços geográficos distintos. Este fato tem motivações complexas que podem envolver fatores extra-literários. No caso da literatura moçambicana, as semelhanças com as literaturas portuguesa e brasileira podem ser explicadas à luz das influências literárias, motivadas quer pelas leituras de textos destas literaturas quer pela similaridade dos modos de vida nestes espaços geográficos.

A dinâmica do fenómeno literário permitiu que os modelos de escrita brasileiros fossem absorvidos e apropriados por alguns letrados moçambicanos. Contudo, há que considerar a existência de uma outra influência, a da literatura portuguesa sobre esta literatura emergente. Foi sobre esta base que nasceu a literatura moçambicana moderna.

A obra *Portagem* (único livro em prosa produzido por Orlando Mendes, em 1965) enquadra-se no segundo período ¹² da literatura moçambicana (Cf. Mendonça, 1988, p. 34-44, sobre a proposta da periodização da literatura moçambicana), o qual vai ter como gênese o ambiente provocado pela segunda guerra mundial. O despertador de novas consciências cívicas resultante do pós guerra criou um sentimento de resistência colonial que se alargou à pequena burguesia emergente. Esta obra, embora tenha sido publicada em 1965, pela sua temática enquadra-se na dinâmica dos textos dos anos cinquenta. Neste texto, o carácter repressivo do contato entre os colonizadores e os colonizados é evidente. Deste modo, tanto pela sua temática como pelas coordenadas histórico-literárias que a situam, *Portagem*, romance racial, na óptica de Russel Hamilton¹³, pode ser considerado como uma das obras que marcaram o início da ficção narrativa em Moçambique.

3- O percurso das personagens

Em *Portagem*, o protagonista, João Xilim, tem um percurso cíclico¹⁴ e dramático e a situação em que se encontra no fim da intriga torna-o um herói problemático. O texto funciona como um questionamento ao sistema colonial português. Servindo-se, para o efeito, do percurso de vida atribulada do mulato João Xilim. Apesar de ser um herói problemático, por ter uma vida caracterizada por uma sucessão de desgraças, (por exemplo, viu sua mãe a amantizar-se com o seu patrão/pai no mato; foi preso e na prisão era detestado acusado de colaborar com os agentes da prisão; levou uma vida conjugal infeliz), é Xilim quem conduz o enredo. Deste modo, pode-se concluir que o seu percurso é cíclico¹⁵ pois a sua vida é constituída por uma sucessão interminável de desgraças tornando *Portagem* uma narrativa cíclica com tendência para narrativa descendente.

Em *Jubiabá* a intriga desenrola-se em torno de um agente cujo percurso de vida é ascendente. Antônio Balduino é a personagem central do enredo. As suas ações não são apresentadas de forma privilegiada pelo narrador, como também definem o sentido da narrativa. Neste texto, o protagonista é apresentado, desde a sua infância, como uma figura forte que facilmente percebe a sua condição de pobre.

Jorge Amado ao adaptar um herói pobre estará a servir-se da ficção narrativa como um instrumento que visa alcançar um certo projeto humano. Neste caso particular, pode-se-ia admitir que esta obra serve de denúncia de uma vida marcada pelas assimetrias sociais que desqualificam os mais desfavorecidos. Contudo,

¹² O segundo período vai de 1945-47/ 1964.

¹³ Cf. Hamilton, p. 25.

¹⁴ Usando o padrão de classificação proposta por Denise Pailme.

¹⁵ Cf. Paulme, D. La Mère Devorante (1976: 19:50)

estes desfavorecimentos têm a possibilidade de virar o rumo dos acontecimentos através do seu próprio trabalho. O final vitorioso do movimento operário dirigido por Balduino e o reconhecimento da grandeza deste protagonista pelo feiticeiro Jubiabá (quando este se inclina diante do protagonista) mostram, de forma inequívoca, o seu heroísmo. Deste modo, pode-se classificar Jubiabá como uma narrativa ascendente. Todavia, em ambos os textos há elementos que permitem enquadrar os protagonistas nos heróis picarescos¹⁶.

4- Estratégias técnicas-narrativas na representação do herói em *Portagem* e *Jubiabá*.

O conhecimento dos processos enunciativos, através dos quais o narrador produziu as diferentes instâncias narrativas nos textos em análise, emana da premissa de que qualquer narrativa literária é instituída por um discurso de um narrador. Assim, em *Portagem* e *Jubiabá* identificamos três procedimentos técnicos narrativos na representação do herói: o discurso avaliativo das ações das personagens, a focalização onisciente e a focalização.

1- O discurso avaliativo das ações das personagens

Fazendo parte dos processos discursivos, em *Portagem* e *Jubiabá* o discurso valorativo manifesta-se de forma contundente, sobretudo quando o narrador descreve, de forma valorativa, as ações das personagens.

2- Focalização onisciente

A problemática da focalização decorre do nível de conhecimento que o narrador pode ter da intriga. Este fato desencadeia uma série de implicações em relação à maneira pela qual pode narrar a história. Assim, se ele tem um conhecimento limitado ou ilimitado dos eventos que narra, comporta-se-à, no seu discurso, de maneiras diferentes.

Em *Portagem* e *Jubiabá*, presidiu esta estratégia de representação narrativa do narrador a manipulação dos eventos narrados e de toda a história. A adoção deste procedimento técnico-narrativo pelo narrador justificou-se pelo fato de lhe ter conferido a prerrogativa e a capacidade de conhecimento ilimitado, podendo por isso “facultar as informações que entender pertinentes para o conhecimento

¹⁶ A noção de herói picaresco é uma manifestação particular de um percurso atribulado das personagens de um número considerável dos romances da literatura espanhola de século XVII. Tendo surgido num contexto histórico-social particular e condicionado por fatores objetivos, o herói picaresco é, grosso modo, caracterizado por um nível de vida baixo. Contudo, movido pelo espírito de superação dos desafios que a vida lhe exige, luta no sentido de melhoramento. Como corolário das peripécias por que passa, ele adquire uma nova experiência vivencial e uma nova visão do mundo.

minuciosos da história possibilitando-lhe estar numa posição de transcendência relativamente ao universo diegético " ¹⁷.

Da análise textual fica claro que o narrador da narrativa "comporta-se como uma entidade demiúrgica e consegue controlar e manipular sabiamente os eventos narrados, as personagens que os interpretam, o tempo em que se movem e os cenários em que situam" ¹⁸. Esta constatação torna válida a premissa de que a onisciência do narrador é um instrumento privilegiado do processo de representação narrativa.

3- Focalização interna

Sendo o tipo de focalização na qual se estabelece uma situação narrativa em que é a consciência de uma personagem do texto que orienta o desenrolar do mesmo, a adoção deste tipo de focalização pode desencadear uma série de implicações interpretativas. Com esta focalização tudo o que é relatado é em função de uma personagem que desempenha a função de focalizador. Nesta relação parece haver "uma dialética assente entre o ver e o visto, o interior de quem contempla e o exterior contemplado" ¹⁹.

A adoção pelo narrador de um ponto de vista de uma personagem inserida no universo diegético marcou a sua ação atuante nos textos. A visão da personagem focalizadora sobre uma determinada realidade está subjacente a consciência do narrador, ou seja, a assunção de uma certa posição focal pela personagem é uma forma subtil de o narrador fazer as suas intrusões no texto.

Nos textos em estudo nota-se que o narrador se serve desta técnica narrativa, pois "descreve e analisa o que se passa na interioridade das personagens" ²⁰. Tendo em conta que as duas narrativas são romances de personagem, consideramos que o uso deste mecanismo narrativo pelo narrador possibilita que penetre no "campo de consciência" das personagens, relatando, deste modo, "o que é alcançado por outros sentidos, para além da visão, bem como o que é já conhecido previamente e o que é objeto de reflexão interiorizada" ²¹. O uso destes processos enunciativos permitiu ao narrador manipular os eventos diegéticos para um certo fim.

4- Considerações Finais

¹⁷ Cf. Reis e Lopes, p. 168

¹⁸ Ididem. Loc. Cit.

¹⁹ Cf. Reis e Lopes, p. 169

²⁰ Cf. Reis e Lopes, p. 164

²¹ Cf. Reis e Lopes, p. 164

A leitura de *Portagem* e *Jubiabá* permitiu perceber que o sujeito de enunciação serviu-se das estratégias técnico-narrativas de focalização onisciente, focalização interna e o discurso valorativo das ações dos protagonistas (João Xilim e António Balduino, respectivamente) para representá-los e projetá-los à categoria de herói.

(i) Em relação à focalização interna, verificou-se que nos dois textos há um narrador que penetra, frequentemente, no interior das personagens e estas, por sua vez, revelam tudo quanto pensam. Em *Portagem*, são exemplos as diversas memórias que João Xilim faz ao longo do texto. Portanto, Xilim é a personagem focalizadora principal, porque é, através da visão que tem do cosmos, que o narrador veicula a sua mensagem de questionamento e contestação ao sistema colonial. Esta mensagem é captada ao examinar a relação existente nos textos entre os procedimentos técnico-narrativos e os códigos ideológico, temático e narrativo.

Em *Jubiabá*, a focalização interna revelar-se-à (embora com mais proeminência em Xilim) pela consciência de António Balduino. Contudo, nesta obra, nalguns momentos, o narrador serve-se da visão interior dos espectadores que presenciam a luta de Balduino. Com este procedimento não só confirmamos o uso da focalização interna mista como também a empatia que os espectadores de várias "raças" têm por Balduino. Deste modo, concluímos que em *Jubiabá*, o uso da focalização interna está ao serviço da demonstração da relevância que o aspecto social tem em relação ao racial.

A consciência proletária em que termina o herói mostra a ação atuante do narrador quando este, por exemplo, considera o protagonista ter aprendido e ganho uma nova consciência, ao participar ativa e vitoriosamente na greve geral dos estivadores.

(ii) Em relação à focalização onisciente, em ambos os textos está associada à focalização interna, o que mostra a articulação operada destes procedimentos com vista a legitimar o estatuto de herói aos protagonistas. Em *Portagem*, as sucessivas intervenções do narrador sobre o conhecimento de Xilim provam o conhecimento ilimitado que tem do universo diegético. Por outro lado, em *Jubiabá*, a onisciência do narrador é decisiva para representação e projeção do herói.

(iii) O discurso valorativo das ações das personagens centrais é usado como um procedimento que reforça as focalizações interna e onisciente na consagração dos heróis. Neste caso, mais uma vez, reiteramos que o sujeito de enunciação, nos dois textos, usa expressões linguísticas que traduzem uma atitude valorativa em relação ao que narra.

Para terminar, nos dois textos institui-se um narrador heterodiegético. Este narrador relata uma história à qual é estranho, dado que não é co-referente com qualquer das personagens do universo diegético. Ao adotar este estatuto, o narrador assume uma autoridade inquestionável.

Se pretendêssemos enquadrar os dois textos nos gêneros literários, diríamos que *Jubiabá* pode ser lido tanto como um romance proletário, assim como um romance de costumes tradicionais (por nos reenviar ao microcosmo mítico-tradicional representado pelo macumbeiro Jubiabá e os Orixás). O nível de urdidura do discurso deste texto e a forma como nos é apresentada a temática do mesmo parece tornar mais problemática cada uma das duas hipóteses, ora apontadas, analisadas hermeticamente. Por outro lado, *Portagem*, de Orlando Mendes, parece estar mais próxima do gênero literário novela do que do romance (no sentido mais rigoroso). Esta hesitação parece, a meu ver, resultar da ausência de uma tradição sólida do romance na literatura moçambicana moderna do qual esta obra consta da lista dos três²² textos que marcaram o início da ficção narrativa em Moçambique.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Activa

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.

MENDES, Orlando. *Portagem*. Maputo: INLD, 1981.

Bibliografia Passiva

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. *Teoria da literatura*. 8.ª edição. Coimbra: Livraria Almedina, 1988.

BARTHES, Roland. Introdução à análise Estrutural da Narrativa. In *Análise Estrutural da Narrativa*. [Revista Communications n.º 8]. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 1976. p. 19-60.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3ª edição. São Paulo: Cultrix, 1983.

BROOKSHAW, R. David. *Contemporary Prose Fiction in Mozambique: From Utopia to the Search for Aesthetic Truth*. University of Bristol, Department of Hispanic, Portuguese and Latin-American Studies, 1990, n.º 6.

²² Para além de *Portagem* (1965), fazem parte dos primeiros textos de ficção narrativa em Moçambique *Godido e outros Contos* (1952), de João Dias e *Nós Matamos o Cão Tinhoso* (1964), de Luis Bernardo Honwana.

- BREMONDO, Claude. "Lógica dos Processos Narrativos". In *Análise Estrutural da Narrativa*. [Revista Communications nº8]. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976. p. 110-135.
- CANEDO, Jesús. *Antologia La Picaresca*. 2ª edição. Madrid: Doncel, 1968.
- FERREIRA, João Palma. *Do Pícaro na Literatura Portuguesa*. 1ª edição. Amadora: Biblioteca Breve, 1981.
- GENETTE, Gérard. *Figures III*. Paris: Editions du Seuil, 1972.
- GOENHA, Agostostinho Matias. *As manifestações Semânticas das Personagens em Portagem e em A Estranha Aventura*. 2000. 141 p. Tese, Mestrado, Universidade de Lisboa- Faculdade de letras. 2000.
- GREIMAS, A.J. Elementos para uma Teoria da Interpretação da Narrativa Mítica. In: *Análise Estrutural da Narrativa*. [Revista Communications nº8]. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976. p.61- 109.
- HAMILTON, Russel G. *Literatura Africana, Literatura Necessária II Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, são Tomé e Príncipe*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- MENDES, Orlando. *Sobre Literatura Moçambicana*. Maputo: INLD, 1980.
- MENDONÇA, Fátima. *Literatura Moçambicana: a história e as escritas*. Maputo: Faculdade de Letras e Núcleo Editorial da Universidade Eduardo Mondlane, 1980.
- PAULME, Denise. *La Mère Devorante- Essai Sur la Morphologie des Contes Africains*. Paris: Editions Gallimard, 1976.
- REIS, Carlos. *Técnicas de Análise textual*. Coimbra: Livraria Almedina, 1981b.
- REIS, C., LOPES, A.C. *Dicionário de Narratologia*. 5ª edição. Coimbra: Livraria Almedina, 1996.
- TODOROV, Tzvetan. As Categorias da Narrativa Literária. In *Análise Estrutural da Narrativa*. [Revista Communications nº8]. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1976. p. 209-254.
- TORRES, Alexandre Pinheiro. *O movimento Neo-Realista em Portugal na sua primeira Fase*. 1ª. Edição. Lisboa: Biblioteca Breve, 1977.